

Reflexões sobre Herbert Marcuse, no quinquagésimo aniversário de publicação de *One-Dimensional Man*

Douglas Kellner

Estou extremamente feliz com o convite da Universidade de Brandeis para apresentar uma palestra na conferência comemorativa dos 50 anos de publicação de *One-Dimensional Man* (*O homem unidimensional*). Esta conferência, e a anterior em Columbia, atestam que *O homem unidimensional*, de Herbert Marcuse, continua a apresentar uma crítica convincente das sociedades capitalistas avançadas, da cultura e dos modos de pensamento existentes, assim como a incitar e a defender a rebelião contra estes. A recepção do livro por intelectuais jovens e progressistas, como ouvimos em muitas das apresentações nos últimos dias, indica que o livro e o pensamento de Marcuse continuam relevantes para diversas questões contemporâneas.

Hoje, vou apresentar como vim a ler, interpretar, entender, criticar, e utilizar *O homem unidimensional*; em seguida, examinarei sua recepção e relevância na década de 1960, quando ele apareceu, sugerindo como suas ideias referem-se a experiências com a sociedade dos Estados Unidos e o capitalismo global, nas décadas de 1940 e 1950. Depois, discutirei como o modelo de sociedade unidimensional foi colocado em questão pelas lutas e revoltas dos anos de 1960, como Marcuse revisou seu modelo na década de 1970, e como ele passa a fazer sentido no desenvolvimento das décadas seguintes até o presente. Assim, minha apresentação será filosófica, histórica e política como o filósofo Herbert Marcuse gostaria que fosse.

Contextualizando e Interpretando *O homem Unidimensional*

Para entender *O homem unidimensional* precisamos, primeiro, compreender o contexto no qual ele foi produzido. A origem do livro, vou propor, tem múltiplas fontes. Há conexões óbvias entre *O homem unidimensional* e a Escola de Frankfurt, incluindo os trabalhos sobre a *Dialética do Esclarecimento*, a crítica da razão instrumental, a indústria cultural, a “sociedade administrada”, e outros conceitos-chave da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Essas conexões foram enfatizadas por Martin Jay, Rolf Wiggershaus, por mim e por muita/os outra/os, então não vou alongar-me no contexto do trabalho de Marcuse relativo à Escola de Frankfurt, nem em como este traduziu-se em conceitos-chave de *O homem unidimensional* – apesar de, claro, isso ser parte da história.¹

Em vez disso, vou enfatizar o trabalho de Marcuse na OSS², durante a Segunda Guerra Mundial e no Departamento de Estado dos EUA, no final da década de 1940 e no início da década de 1950, e salientar que parte do contexto e das raízes dos conceitos de

¹ Sobre a Escola de Frankfurt e *O homem Unidimensional*, ver Douglas KELLNER, “Introduction to the Second Edition of *One-Dimensional Man*”. Boston: Beacon Press, 1991, xi-xl.

² OSS, sigla de *Office of Strategic Services*, “Escritório de serviços estratégicos”, órgão de inteligência criado pelo governo dos EUA, quando este país entrou na Segunda Guerra, e no qual Marcuse colaborou, como intelectual conhecedor da “psique alemã”, na Seção de Pesquisa e Análises (*Research and Analysis Branch, R&A*). Como faz o autor, usaremos as siglas para referirmo-nos a estes organismos (Nota da tradutora).

O homem unidimensional, do pensamento e da sociedade unidimensionais, vieram do trabalho de Marcuse relativos ao fascismo alemão durante a Segunda Guerra Mundial, ao comunismo soviético das décadas de 1940 e 1950, e de seus estudos sobre a fusão de economia, estado, mídia, cultura e tecnologia, da década de 1940, que ele continua a usar ao longo de sua vida. Em outras palavras, quero enfatizar as raízes históricas, sociológicas e políticas na gênese de *Homem Unidimensional* – sem negar a dimensão teórica e as conexões com a Escola de Frankfurt.

A seguir, vou apresentar o notável livro de Tim Müller, *Krieger und Gelehrte: Herbert Marcuse und die Denksysteme im Kalten Krieg*³ (*Guerreiros e sábios: Herbert Marcuse e o sistema de pensamento na Guerra Fria*), um excelente estudo do pensamento e do trabalho de Herbert Marcuse e de um grupo de intelectuais de esquerda com o qual ele trabalhou, nas agências de inteligência dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, e na academia durante o período posterior de guerra ao fascismo e de guerra fria. O texto traz o melhor relatório, que já li, das atividades de Marcuse durante as décadas de 1940 e 1950, em relação a seu trabalho com a OSS, o Departamento de Estado e a conexão com a Fundação Rockefeller, que financiou *O homem unidimensional*. O livro também apresenta as atividades de muitos dos colegas de Marcuse, na OSS e nas agências governamentais dos Estados Unidos, nas lutas e nos movimentos das décadas de 1950 e 1960, e durante a guerra fria, depois que desligaram-se do governo e foram para as universidades. Esses estudos fornecem novas perspectivas dos intelectuais radicais e liberais e de seus deslocamentos do trabalho com o governo dos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial, para tornarem-se intelectuais críticos e de esquerda, nas décadas de 1950 e 1960, e de como suas experiências no governo impactou seus trabalhos acadêmicos e políticos posteriores.

Müller realiza uma abordagem contextual e materialista do trabalho de Marcuse, situada em suas atividades políticas com a OSS, durante a Segunda Guerra Mundial, no Departamento de Estado no início da década de 1950, em seus anos na Universidade de Brandeis e suas relações com importantes liberais estadunidenses, e também em como conseguir fundos da Fundação Rockefeller para *O homem Unidimensional* e emergir como uma grande figura da *New Left* (Nova Esquerda) na década de 1960. Em particular, o trabalho de Marcuse para o governo dos Estados Unidos nas décadas de 1940 e 1950, e as relações com colegas que vão emergir como os principais intelectuais norte-americanos é, como reclama o autor, uma dimensão da vida e do trabalho de Marcuse pouco pesquisada. Müller fornece o talvez mais extenso relatório das atividades políticas de Marcuse durante a guerra fria produzido até agora, e de como suas atividades durante estas décadas influenciaram seus trabalhos e pensamentos posteriores.

O título é um pouco enganoso pois o livro não é realmente apenas sobre Marcuse, mas, como diz o título, é sobre *Krieger und Gelehrte* (*Guerreiros e sábios*) profundamente envolvidos nas operações da inteligência na Segunda Guerra, que também continuaram no serviço governamental como Marcuse e seu colega Franz Neumann, nos anos cinquenta, e depois foram para a academia, onde muitos continuaram com seu ativismo político. De fato, muitos scholars norte-americanos como Stuart Hughes, Hans Meyerhoff, William Langer, Barrington Moore, e outros colegas alemães refugiados trabalharam para o governo dos EUA, inclusive os associados à Escola de Frankfurt,

³ Tim Müller, *Krieger und Gelehrte: Herbert Marcuse und die Denksysteme im Kalten Krieg*. Hamburg: Hamburg Press, 2010.

como Marcuse. Esse amplo escopo e visão do destino, depois da guerra, dos acadêmicos que se engajaram no serviço governamental e depois na academia e na política é uma das importantes contribuições do livro de Müller, que descreve uma rede de amigos e intelectuais que trabalharam juntos, no serviço de inteligência, durante a Segunda Guerra, e continuaram se relacionando durante a Guerra Fria (ainda que diferenças e cisões tenham emergido).

Aqui, a chave é o título do livro de Müller: *O sistema de pensamento na Guerra Fria*. Esse sistema de pensamento era, acredito, o pensamento unidimensional. E, assim, fornece algumas indicações de como a Guerra Fria contribuiu para a conformidade do pensamento e da ação durante o período de gestação de *O homem Unidimensional* e deu forma ao próprio texto. No livro, Marcuse deixa claro que o contexto no qual as pessoas estão vivendo e morrendo, algumas vezes de modo não natural, é o da Guerra Fria, e eu sinalizo este contexto para as novas gerações a fim de mostrar que “era uma vez”, mais ou menos da metade da década de 1940 até 1989, uma Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, e seus respectivos blocos, que teve importante papel no pensamento, na política e na vida, e que Herbert Marcuse foi um dos poucos que quebrou o consenso da Guerra Fria e atacou a ideologia dominante a partir de dentro do sistema. Quer dizer, a partir do ponto de vista de alguém que realmente sabia como a Guerra Fria funcionava, porque ele era parte e parcela desse sistema, tendo servido na OSS e no Departamento de Estado, onde tornou-se especialista em “comunismo” escrevendo um gigantesco relatório (ao qual não penso que alguém já tenha realmente se dedicado a estudar) e desenvolvendo um modo de pensamento, com o qual ele podia explodir a ideologia dominante através da crítica ao homem, ao pensamento e à sociedade unidimensionais, que poderia ser igualmente aplicado aos dois lados da Guerra Fria: aos EUA e à URSS.

Müller começa com uma discussão sobre a Guerra Fria e como ela forneceu, do final da Segunda Guerra até a queda do comunismo em 1989, uma matriz política e ideológica para muitos. Ele observa como Marcuse estava no coração das instituições que tornaram-se centrais na Guerra Fria e como a influência destas foi desvalorizada. Müller diz que, em sua pesquisa, fará uma abordagem apartidária e não ideológica e vai se ater às fontes arquivadas que delineiam as atividades da OSS, do Departamento de Estado e da Fundação Rockefeller na Guerra Fria e ao envolvimento de Marcuse e seus colegas com estas instituições. Müller explica claramente sua abordagem da história das ideias, seu “ecletismo metodológico”, como isso relaciona-se com outras histórias intelectuais e políticas da época, e define sua abordagem dos arquivos – que não vai depender de entrevistas nem de análises dos textos de Marcuse e de outros, mas vai focar em suas atividades intelectuais governamentais, acadêmicas e públicas e em como estas fornecem uma matriz para seu trabalho. Tal abordagem torna possíveis importantes contribuições de seu texto: a cuidadosa leitura dos arquivos das instituições da época da Guerra Fria e o envolvimento de Marcuse e colegas com elas, um tópico não pesquisado profundamente na literatura sobre Marcuse. Ainda assim, ignorar os trabalhos principais de Marcuse torna impossível mostrar realmente como sua atividade para o governo dos EUA e suas conexões relacionam-se com os textos que Müller escolhe não utilizar – exceto o *Marxismo soviético*, que discutirei depois. Consequentemente, um dos defeitos do livro de Müller é ele não fazer a conexão que faço entre o trabalho de Marcuse na OSS, no Departamento de Estado e no serviço secreto dos EUA com *O homem unidimensional*.

O primeiro capítulo de Müller sobre os serviços secretos norte-americanos e a OSS, durante a Segunda Guerra Mundial, fornece uma explicação interessante da história da OSS, com base em fontes acadêmicas e arquivos. Em particular, Müller fornece um dos melhores e mais detalhados relatos que encontrei sobre as atividades de Marcuse no governo dos EUA, suas ligações com instituições e colegas específicos, e como eles influenciaram sua obra posterior. Müller fornece uma narrativa clara da fundação da OSS, do papel-chave de William Donovan, de William Langer, da divisão R&A (na qual Marcuse e muitos outros que tornaram-se grandes intelectuais da esquerda e da direita participaram), do trabalho de Marcuse para o Departamento de Estado e dos contactos com a Fundação Rockefeller. Como não sou um especialista na OSS, nem em serviços governamentais e de inteligência dos Estados Unidos, não posso avaliar o que pode ser particularmente original nesta dimensão do trabalho de Müller, mas seu relato é muito bem escrito, pesquisado, organizado e fornece um contexto iluminador para se entender a obra de Marcuse, de Neumann, e de seus colegas, durante este período.

Müller observa que a seção R&A de Marcuse, na OSS, foi uma das primeiras a antecipar e a documentar a extensão do Holocausto (p.55ss), no final da guerra, e que, depois da guerra, teve seu foco transferido do nazismo para o comunismo na Alemanha e, assim, foi capturado pela dinâmica da Guerra Fria. Aqui Müller discute tópicos interessantes, como o nascimento da guerra psicológica, a procura por uma “super arma psicológica”, a intensificação dos discursos críticos sobre o comunismo, como a Guerra Fria esquentada e URSS e EUA tornam-se adversários globais. Müller fornece análises do papel de comando de Marcuse nas pesquisas sobre o comunismo e nos debates sobre capitalismo e comunismo. Em particular, Müller fornece uma explicação detalhada de um grande relatório que Marcuse teria sido encarregado de elaborar sobre as “Potencialidades do comunismo mundial”, que proporcionou uma antecipação interessante do livro posterior de Marcuse, *o Marxismo soviético*. Müller observa que este relatório não só forneceu análises das potencialidades e fraquezas do comunismo na Europa, mas também em países em desenvolvimento no mundo, como o Vietnã. O relatório concluiu que, no início de 1950, o comunismo soviético estava estabelecendo suas esferas de influência e não buscando, agressivamente, uma política expansionista, ou procurando guerra com o Ocidente. Müller observa que, sustentado pela desaceleração (*Entspannung*) das tensões entre o Ocidente e a União Soviética, o relatório mina a visão de um mundo comunista monolítico salientando as tensões dentro de estados comunistas específicos, como a URSS e Iugoslávia, enquanto fornece uma visão do comunismo muito mais política e socialmente diferenciada, que indica suas atrações, forças e fraquezas. É claro que, com a ascensão do McCarthismo, uma visão mais demonizada do comunismo surgiu e, em 1951, Marcuse deixou o Departamento de Estado para a vida acadêmica.

Aqui, quero chamar a atenção também para o excelente livro de Raffaele Laudani, *Franz Neumann, Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer. Relatórios secretos sobre a Alemanha nazista. A Contribuição da Escola de Frankfurt para o esforço de guerra (Franz Neumann, Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer. Secret Reports on Nazi Germany. The Frankfurt School Contribution to the War Effort)*⁴¹, que reúne textos-chave sobre o

⁴ Raffaele LAUDANI (Editor). *Secret Reports on Nazi Germany. The Frankfurt School Contribution to the War Effort. Franz Neumann, Herbert Marcuse, Otto Kirchheimer*. Princeton and Oxford, UK: Princeton University Press and Oxford University Press, 2013.

fascismo alemão, escritos por membros do Instituto de Pesquisa Social, estabelecido em Frankfurt, na década de 1920, e, com a ascensão do nacional-socialismo, transferido para a Universidade de Columbia em Nova Iorque, em 1934. Laudini providenciou uma excelente introdução acadêmica para os textos, desenvolveu categorias organizacionais iluminadoras, escolheu os que considero textos-chave do grupo, e forneceu notas acadêmicas adequadas para introduzir e localizar cada artigo. Embora possa haver controvérsia sobre quem escreveu cada um dos textos, que eram projetos do grupo, Laudini apresenta evidências convincentes a respeito dos membros encarregados dos vários textos sobre o nacional-socialismo, o comunismo e, portanto, justifica-se em atribuir a autoria a membros específicos, com a ressalva de que os textos eram frequentemente projetos em grupo.

Voltando ao texto de Müller, os capítulos II e III trazem à baila “Filantropia e Fundações”, e o papel da Universidade na Guerra Fria. Müller explora conexões anteriormente negligenciados entre a Fundação Rockefeller e estudiosos liberais de esquerda, que trabalhavam para o governo dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, e documenta detalhadamente como a Fundação ajudou-os a conseguir emprego e apoiou-os na pesquisa acadêmica. Eu não tinha contato, anteriormente, com a literatura acadêmica sobre a Fundação Rockefeller, e esta análise foi nova para mim. Achei extremamente interessante, mas sou incapaz de indicar possíveis limitações ou problemas porque não conheço essa literatura e previamente ninguém, que eu saiba, pesquisou o papel do apoio da Fundação na obra de Marcuse.

O capítulo IV continua a pesquisa com uma discussão original e interessante de como a Fundação Rockefeller influenciou o estudo da história das ideias nos EUA, durante a Guerra Fria, e o Capítulo V continua este tópico, com a análise de Marcuse e da pesquisa sobre Marx nos EUA. Este capítulo apresenta a mais extensa documentação que já li sobre o respeito a Marcuse existente entre os estudiosos acadêmicos norte-americanos de sua geração, que viam-no como um grande especialista em Marx. Müller fornece uma explicação detalhada do *Marxismo soviético*, de Marcuse, e compara sua análise, detalhadamente, com as do comunismo soviético feitas por Isiah Berlin e Barrington Moore (Müller também documenta sua estreita amizade com Moore). Esta análise é um modelo de história intelectual, fornece análises claras de algumas das principais críticas acadêmicas ao comunismo soviético, na época da Guerra Fria, livre de histeria anti-comunista da direita. O capítulo também explica por que o status de Marcuse como um importante analista crítico do marxismo soviético e expert na teoria marxista ajudou-o a conseguir emprego em Columbia, em Harvard Russian Institute, e auxílio da Rockefeller Foundation para o que se tornaria sua obra mais importante *O homem unidimensional*.

O capítulo VI, “*Intellektuelle in der Schlacht*” (“Intelectuais na batalha”), faz uma abordagem extremamente interessante das vicissitudes de Marcuse e dos estudiosos com quem trabalhou no serviço público na década de 1960, e de como o trabalho com o governo influenciou profundamente muitos dos seus pontos de vista e de como eles continuaram a ser *scholars* ativistas em diversos aspectos, principalmente no âmbito do liberalismo e/ou do socialismo democrático – embora Marcuse tenha ido mais longe na direção do marxismo revolucionário, quando tornou-se uma das principais influências da *New Left*, nos anos de 1960. Müller oferece uma pesquisa original sobre as conexões contínuas desses antigos scholars/ativistas, suas diferenças políticas, as transformações e

semelhanças em suas posições ao longo dos anos. Müller fornece, assim, muitas novas perspectivas sobre a história intelectual nos EUA, durante a Guerra Fria, e ilumina a vida e as opiniões de muitos estudiosos que estão sendo esquecidas ou menos conhecidas na época contemporânea, bem como perspectivas originais sobre figuras mais conhecidas como Marcuse. O livro de Müller fornece o melhor contexto para se entender períodos e conexões pouco conhecidos da vida e da obra de Marcuse, e para uma importante história dos EUA e dos refugiados alemães na Guerra Fria.

Para resumir e concluir: o texto de Müller é extremamente bem pesquisado e organizado, é interessante em toda sua extensão e, definitivamente, merece tradução e publicação. É o primeiro texto a explorar completamente o trabalho de Herbert Marcuse com a OSS e os serviços de inteligência dos EUA, e faz isso sem viés partidário ou distorções. Ele fornece uma nova visão sobre as relações entre os intelectuais e os serviços de inteligência dos Estados Unidos, as universidades americanas e fundações, como o grupo Rockefeller, pelo que deve interessar a um público amplo além dos estudiosos de Marcuse. Pode, assim, proporcionar significativas contribuições para diversas áreas de pesquisa. Certamente, acadêmicos interessados em Marcuse, na Guerra Fria, nas relações entre os serviços de inteligência dos Estados Unidos, as universidades, as fundações e os intelectuais norte-americanos, terão interesse no livro.

Então, com base em estudos recentes Marcuse, o fascismo alemão, o comunismo soviético, a Guerra Fria, e o que Marcuse chamou de “sociedade industrial avançada” podem fornecer as bases histórico-sócio-político-culturais para a análise de *O homem unidimensional*. Esta constelação é constituída por uma síntese de economia, estado, cultura e tecnologia, que desenvolveu-se sobretudo nos Estados Unidos, onde Marcuse viveu e trabalhou desde 1934, e que ele iria focar intensamente no trabalho teórico que produziu *O homem unidimensional*. Assim, uma outra fonte de idéias, particularmente daquelas sobre o homem e a sociedade unidimensionais, vem do trabalho de Marcuse sobre teoria social, sociedade afluenta, novo estado industrial do pós-guerra, o complexo militar-industrial e outras obras da teoria social norte-americana. Mas primeiro uma digressão sobre um novo estudo encontrado em Brandeis este ano.

Genesis e Rascunhos de *One-Dimensional Man*

Nesta seção, gostaria de falar brevemente sobre a nova descoberta de um manuscrito de Marcuse, antes desconhecido, de *O homem unidimensional*, escrito aparentemente quando ele trabalhava no projeto, enquanto lecionava na Universidade de Brandeis, no início de 1960. Conforme o relatório de Brandeis:

O manuscrito do projeto foi descoberto depois de Patrick Gamsby, bibliotecário de divulgação acadêmica para as humanidades, visitar os arquivos da Biblioteca Goldfarb buscando algo de Marcuse para ajudar a comemorar, no ano seguinte (2015), o 50º aniversário da publicação de *One-dimensional Man*, no simpósio Brandeis sobre o intelectual judeu alemão [sic].

A pedido de Gamsby, Sarah Shoemaker, bibliotecária associada da universidade na Robert D. Farber University Archives and Special Collections, “mergulhou profundamente em seus bancos de dados, naqueles não acessíveis ao público e raramente consultados”, diz ele, e voltou com um registro eletrônico de um manuscrito de Marcuse escondido em uma caixa de papelão com a marca “Misc.

Manuscritos”.

Aparentemente, e cito:

Um devoto Marcuse, Gamsby ficou em êxtase quando a caixa foi recuperada do armazenamento e ele, inesperadamente, tirou dela duas grossas pastas pretas amarradas com barbante, cada uma contendo cerca de 200 páginas datilografadas, de data desconhecida. Revisões do texto – algumas de simples palavras, algumas de frases inteiras – estavam cuidadosamente escritas a lápis entre as linhas. A primeira pasta continha também um *ex-libris* (*bookplate*) de Marcuse e a inscrição “Um presente para a Universidade Brandeis”.

Embora a proveniência do manuscrito ainda não esteja clara, Gamsby pensa ser possível que Marcuse tenha dado o manuscrito a Brandeis em 1965, ano em que se aposentou nessa universidade. O projeto traz mudanças notáveis em relação ao trabalho publicado, inclusive, de acordo com Gamsby e outros, uma abertura mais gritante, e uma conclusão mais esperançosa sobre o futuro da cultura.

Então, quero agradecer a Patrick e Sarah por esta descoberta – esperando ansioso por futura/os estudiosa/os de Marcuse garimpando o manuscrito, buscando insights que possam ajudar-nos a compreender a gênese e as concepções de *O homem unidimensional* – e fazer aqui apenas alguns comentários sobre três páginas do manuscrito, que Patrick descreve como uma “secção de três páginas entre a Introdução e o Primeiro capítulo”, que são curiosamente diferentes da versão publicada do livro. E comentarei o que aparece como uma conclusão (no que parece ser o fim do manuscrito) bem diferente da conclusão da versão publicada, em 1964, de *O homem unidimensional*. Comparando estas páginas, é curioso que a versão inicial do manuscrito, tanto na Introdução quanto na Conclusão, saliente mais centralmente a dimensão filosófica de *O homem unidimensional* e a importância da dimensão estética para a libertação; enquanto a versão publicada do livro de Marcuse salienta mais a dimensão da teoria crítica social e, na Introdução e na Conclusão, privilegia as categorias da teoria social e política sobre as da filosofia e da estética, especialmente na conclusão do livro que, contra Patrick acima, penso fornecer um final mais esperançoso e, certamente, mais político.

Ambos os manuscritos começam com a ironia de que a ameaça de uma guerra atômica, que pode acabar com a raça humana, serve para perpetuar a sociedade estabelecida – um típico insight da Guerra Fria tal como ele vai se desenrolar, a partir da esquerda, no discurso de Marcuse. No manuscrito de Brandeis, Marcuse conclui o primeiro parágrafo com a afirmação de que “sua irracionalidade (i.e., da sociedade) aparece como a personificação da Razão” (com R maiúsculo). Na versão publicada em 1964, a Introdução à Primeira Edição duplica a extensão das análises históricas e sociológicas da situação de ameaças atômicas para a sobrevivência, mas termina com uma explicação sociológica detalhada de por que as pessoas se submetem a este estado (“irracional”, para Marcuse) de coisas: “as necessidades políticas da sociedade tornam-se necessidades e aspirações individuais, sua satisfação promove os negócios e o bem comum, e o todo parece ser a própria encarnação da Razão”.⁵

No manuscrito de Brandeis, Marcuse expõe suas definições preliminares de “sociedade avançada industrial”, “progresso”, “transcendência” e “transcendental”, de modo bastante filosófico e, em seguida, argumenta que a “eliminação” de elementos transcendentais da literatura e da filosofia cria uma condição de “*unidimensionalidade*”,

⁵ MARCUSE. *One-Dimensional Man*. Boston: Beacon Press, 1991; p.xli.

que “encontrou sua formulação extrema na teoria do operacionalismo”, que ele continua explicando, colocando novamente a configuração da problemática de *O homem unidimensional* em uma estrutura essencialmente filosófica, privilegiando categorias filosóficas e literárias. As páginas de Introdução à versão publicada de 1964 de *O homem unidimensional*, pelo contrário, tem como subtítulo “A paralisia da Crítica: Sociedade sem oposição”, e a análise corta rapidamente para o enquadramento do projeto em termos de teoria crítica social.

Mais dramaticamente, no entanto, nas últimas cinco páginas do manuscrito de Brandeis, na discussão sobre a “redefinição das necessidades”, está a chave para a libertação da sociedade unidimensional. Elas concluem com uma evocação da subjetividade liberada “perante a dimensão estética”. Isto é um tanto enigmático, mas sintomático do que percebi como uma tendência, de Marcuse, de voltar-se para a estética quando as esperanças políticas específicas para a liberação, ou para a transformação social radical, são frustradas. No entanto, como se sabe, Marcuse não termina a versão publicada de *O homem unidimensional* com uma evocação da dimensão estética como no manuscrito Brandeis, mas o conclui com o dilema de a teoria crítica da sociedade não ser capaz de apontar para as forças que possam encarnar a “grande recusa” e realizar uma revolução contra a sociedade existente. Ele escreve:

Contudo, por baixo da base popular conservadora, encontra-se o substrato dos párias e *outsiders*, dos explorados e perseguidos de outras raças e de outras cores, dos desempregados e dos não empregáveis. Eles existem fora do processo democrático, suas vidas são a mais imediata e mais real necessidade de acabar com as condições e as instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária mesmo se a suas consciências não o forem. Sua oposição atinge o sistema de fora e, por isso, não se curva a ele; é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como trapaça. Quando eles reúnem-se e saem às ruas, sem armas, sem proteção para reivindicar os mais primitivos direitos civis, sabem que enfrentarão cães, pedras e bombas, cadeia, campos de concentração e até a morte. Sua força está por trás de toda manifestação política pelas vítimas da lei e da ordem. O fato de eles começarem a recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o início do fim de um período.⁶

Assim, Marcuse conclui a versão publicada de *O homem unidimensional* com uma evocação de novas forças de revolta que possam marcar um novo período da história e, sem dúvida, para as décadas seguintes, ele foi uma figura importante na promoção de revolta e revolução, embora tenha concluído *O homem unidimensional* com uma nota mais pessimista, embora esperançosa, escrevendo:

A teoria crítica da sociedade não possui qualquer conceito capaz de ultrapassar a cisão entre o presente e o futuro; sem oferecer nenhuma esperança e sem ostentar nenhum sucesso, permanece negativa. Assim, ela deseja permanecer leal àqueles que, sem esperança, deram e dão sua vida à Grande Recusa.

No início da era fascista, Walter Benjamin escreveu:

Nur um der Hoffnungslosen willen ist uns die Hoffnung gegeben.

Somente em nome dos desesperados a esperança nos é dada.⁷

⁶ *Ibidem*, p.256-257.

⁷ *Ibidem*, p.257.

Agora eu *não* quero criar uma sensação de que Marcuse minimize a dimensão filosófica ou estética na versão publicada de *O homem unidimensional*, o que ele manifestamente não faz. O pensamento de Marcuse, pelo menos desde *Eros e Civilização* (1955) até seus últimos trabalhos no final da década de 1970, é caracterizado por uma síntese de filosofia, teoria crítica social, estética, política radical, e crítica à ideologia – e este é certamente o caso de *O homem unidimensional*, publicado em 1964, que representa o pensamento de Marcuse em plena maturidade e profundidade. Eu acho que é interessante, porém, que nas versões finais de *O homem unidimensional*, que levaram à sua publicação em 1964 (os anos de Brandeis), Marcuse, aparentemente, tenha passado – do destaque à dimensão filosófica e estética – a destacar a teoria social crítica e termine com uma evocação à política radical, que seria uma característica central de seu pensamento e ação a partir deste ponto em diante.

Filosofia crítica, teoria social e o discurso de *O homem unidimensional*

Eu quero argumentar, no entanto, que é melhor ler *O homem unidimensional*, e a obra de Marcuse como um todo, como uma síntese de filosofia crítica, teoria social e política radical, e não gostaria de minimizar qualquer uma dessas dimensões. Como uma teoria social da sociedade contemporânea, *O homem unidimensional* destaca o espectro do fechamento, ou da “atrofia”, das próprias possibilidades de mudança social radical e de emancipação humana. Marcuse descreve uma situação na qual não há classes nem grupos revolucionários para militarem por uma mudança social radical e na qual os indivíduos estão integrados na sociedade existente, contentes com sua sorte e incapazes de perceber as possibilidades de uma vida mais feliz e mais livre. Contudo, no livro, há tensões entre o desenvolvimento de uma teoria mais geral da “sociedade industrial avançada” e uma crítica mais específica das sociedades capitalistas contemporâneas, especialmente da sociedade norte-americana, a partir da qual ele deriva a maioria de seus exemplos. Marcuse baseia-se nas análises sociais – de C. Wright Mills, John Kenneth Galbraith, Daniel Bell, Vance Packard, e dos jornalistas críticos, como Fred Cook por exemplo – de tendências que ele vê na sociedade norte-americana contemporânea. No entanto, ele também se baseia em teorias européias, como teorias francesas da sociedade tecnológica e da nova classe trabalhadora, e descreve também tendências das sociedades comunistas contemporâneas, que ele acredita serem semelhantes àquelas capitalistas. Assim, pode-se ler o livro como uma teoria geral das sociedades industriais avançadas – ou tecnológicas – contemporâneas, ou como uma análise e crítica mais específica da sociedade norte-americana contemporânea, durante um período de afluência e de oposição social silenciada.

Marcuse combina as perspectivas da teoria marxista, da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, da teoria social francesa, e da ciência social norte-americana para apresentar uma teoria social crítica da época presente. O que é surpreendente no livro é a postura de Marcuse, de crítica total e oposição resoluta às sociedades industriais avançadas – capitalista e comunista – em sua totalidade. Enquanto ele frequentemente critica sociedades comunistas, aproveitando suas críticas anteriores do *Marxismo soviético* (1958)⁸, ele rejeita a demonologia Guerra Fria, que celebra a sociedade capitalista em contraste com o

⁸ MARCUSE. *Marxismo Soviético*. Trad. Carlos Weber. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1969.

comunismo. Marcuse percebe tendências destrutivas nas mais celebradas realizações do capitalismo avançado e vê irracionalidade em sua auto-proclamada racionalidade. Ele sustenta que a prosperidade e o crescimento da sociedade são baseados em desperdício e destruição, seu progresso é alimentado pela exploração e repressão, enquanto sua liberdade e democracia são baseadas na manipulação. Marcuse retalha as celebrações ideológicas do capitalismo e critica, agudamente, a desumanização e a alienação presentes em sua opulência e riqueza, a escravidão no seu sistema de trabalho, a ideologia e a doutrinação na sua cultura, o fetichismo em seu consumismo, e o perigo e insanidade em seu complexo militar-industrial. Ele conclui que, apesar de suas realizações “esta sociedade é irracional como um todo. A sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas [...] seu crescimento depende da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência – individual, nacional e internacional”.⁹

Quero, agora, enfatizar a importância de se perceber que o pensamento de Marcuse é estruturado na dialética entre libertação e dominação, e que o homem e a sociedade dimensionais são sempre contrastados com uma sociedade ideal liberada; assim como o pensamento unidimensional está sempre em contraste com o pensamento crítico e dialético. Há duas maneiras de ler a teoria de Marcuse da sociedade técnica unidimensional, que é o foco principal de *O homem unidimensional*. Pode-se interpretar sua teoria como uma teoria global e totalizante, de um novo tipo de sociedade que transcende as contradições da sociedade capitalista em uma nova ordem que elimina a individualidade, a dissidência, e a oposição. De fato, há uma tendência recorrente, ao se ler Marcuse, de usar “unidimensionalidade” como um conceito totalizante para descrever uma era de desenvolvimento histórico que supostamente absorve toda a oposição em um sistema totalitário, monolítico. No entanto, o próprio Marcuse raramente, ou nunca, usa o termo “unidimensionalidade” (como um substantivo totalizante): em vez disto, tende a falar de homem, sociedade, ou pensamento, “unidimensional”, aplicando o termo como um adjetivo que descreve as condições deficientes que ele critica e contrasta com um estado de coisas alternativo. Na verdade, Marcuse introduz “unidimensional”, em seus escritos anteriores, como um conceito epistemológico que faz uma distinção entre pensamento unidimensional e dialético – a qual se estende em *O homem unidimensional* para descrever fenômenos sociais e antropológicos. Como, no entanto, Marcuse critica estados de coisas “unidimensionais” com alternativas pelas quais se lutar e realizar, é errado ler Marcuse apenas como um teórico da sociedade totalmente administrada, que rejeita completamente contradição, conflito, revolta, pensamento e ação alternativos. Uma vez que existem passagens em *O homem unidimensional* – e em seus trabalhos posteriores – que rejeitam a interpretação monolítica do texto como um épico da dominação total, que de uma forma quase hegeliana subsume tudo em uma totalidade unidimensional, é preferível lê-lo contrastando o pensamento e o comportamento unidimensionais com o pensamento e o comportamento multidimensionais, dialéticos.

Assim, proponho a interpretação de “unidimensional” como um conceito que descreve um estado de coisas em conformidade com o pensamento e comportamento existentes, no qual falta a dimensão crítica e a dimensão de alternativas e potencialidades que transcendam a sociedade existente. No uso de Marcuse, o adjetivo “unidimensional” descreve uma diferença epistemológica entre as práticas de significação que se conformam com estruturas, normas e comportamentos pré-existentes, e o discurso multidimensional que

⁹ MARCUSE, *One-dimensional Man*, p.xli-xlii.

incide sobre possibilidades que transcendam o estado de coisas estabelecido. Este pensamento “bi-dimensional” pressupõe antagonismo entre sujeito e objeto, de modo que o sujeito é livre para perceber possibilidades de um mundo que ainda não existe, mas que pode ser realizado através da prática humana. Na sociedade unidimensional, o sujeito é assimilado ao objeto e segue ditames, normas e estruturas objetivas externas, perdendo assim suas próprias habilidades para descobrir possibilidades mais libertadoras e envolver-se na prática transformadora para realizá-las. A teoria de Marcuse pressupõe a existência de um sujeito humano com as tradicionais características de liberdade, criatividade e auto-determinação, que está em oposição ao mundo-objeto, percebido como substância, que contém possibilidades a serem realizadas e qualidades secundárias, como valores, características estéticas e finalidades, que podem ser cultivadas para melhorar a vida.

Na análise de Marcuse, o “homem unidimensional” perdeu, ou está perdendo, a individualidade, a liberdade, a capacidade de discordar e de controlar o próprio destino. O espaço privado, a dimensão da negação, na qual pode tornar-se e permanecer um eu, é desbastado por uma sociedade que molda aspirações, esperanças, medos, valores, manipulando mesmo as necessidades vitais. Na visão de Marcuse, o preço que o homem unidimensional paga por suas satisfações é a rendição de sua liberdade e individualidade. O homem unidimensional não sabe suas reais necessidades porque suas necessidades não são as suas próprias – elas são administradas, sobrepostas e heterônomas; não é capaz de resistir à dominação, nem de agir autonomamente, pois se identifica com o comportamento público, imita e submete-se os poderes constituídos. Sem o poder de autêntica atividade própria, o homem unidimensional submete-se à dominação, cada vez mais global, perdendo assim sua liberdade e sua individualidade.

Marcuse é, portanto, um individualista radical, profundamente perturbado com o declínio dos traços de individualidade autêntica que tanto valoriza. Sociedade e homem unidimensional são resultados de um longo desenvolvimento histórico que levou a uma erosão contínua da individualidade, o que Marcuse criticou ao longo de várias décadas. *O homem unidimensional* pode, assim, ser interpretado como um protesto ampliado contra o declínio da individualidade na sociedade industrial avançada. Os custos cognitivos envolvidos incluem a perda da capacidade de perceber qualquer outra dimensão de possibilidades e alternativas que transcendam o pensamento e a sociedade unidimensional. Enraizando sua concepção na filosofia dialética de Hegel, Marcuse insiste na importância de distinguir entre existência e essência, factual e potencial, aparência e realidade. O pensamento unidimensional não é capaz de fazer essas distinções e, assim, submete-se ao poder da sociedade existente, derivando sua visão do mundo e modo de comportamento de práticas e modos de pensamento existentes.

Marcuse, aqui, refaz novamente os temas hegeliano-marxistas de reificação e alienação, onde o sujeito perde o poder de compreender e transformar a subjetividade, uma vez que torna-se dominado por poderes e objetos estranhos. Para Marcuse, um ser humano distingue-se pelas características da subjetividade livre e criativa. Se em sua vida econômica e social é administrado por um aparelho de trabalho técnico e está em conformidade com as normas sociais dominantes, ele está perdendo as potencialidades de auto-determinação e individualidade. Alienado de seus poderes de ser si mesmo, o homem unidimensional torna-se um objeto administrado e conformado.

Relevância contemporânea e limitações de *O homem unidimensional*, de 1960 para a década de 2000

Apresento agora a parte da palestra relativa à relevância de *O homem unidimensional* quando ele apareceu pela primeira vez, em 1964, e, em seguida, ao longo das décadas seguintes. Quero focar o homem e a sociedade unidimensionais versus a Grande Recusa, e, assim, a dialética entre dominação libertação, em vários pontos nas últimas décadas, para sugerir a continuidade da relevância de *O homem unidimensional*, indicando as diferentes ressonâncias em diferentes tempos.

Em 1964, quando foi publicado, *O homem unidimensional* pode ser lido como uma crítica às forças de dominação da época, embora, como indiquei, ele conclui evocando forças de libertação, as quais ocupariam sua obra no resto da década de 1960. Marcuse apoiou, incentivou, escreveu e pensou sobre todas as revoltas e movimentos da década, que encontraram expressão no título do seu extasiante trabalho de 1969, o *Ensaio sobre a libertação*.¹⁰ No entanto, Marcuse viu as forças de dominação afirmarem-se fortemente contra as forças de libertação. Ele – e alguns de nós – as viu, e publicou em 1972, *Contra-revolução e revolta*¹¹, que foca os dois lados da dialética de dominação e libertação.

Na década de 1970, temos, nos EUA, a eleição e a reeleição de Richard Nixon, a guerra do Vietnã, um vigoroso capitalismo corporativo que controla totalmente os principais meios de comunicação e, assim, o pensamento e a ação da maioria dos cidadãos. A maioria silenciosa de Nixon, se vocês quiserem, é uma boa maneira de caracterizar o homem unidimensional. Essa maioria das forças conservadoras é contrastada, na obra de Marcuse (*Contra-revolução e revolta*), com a *New Left*, com o movimento anti-guerra, com o movimento pelos direitos civis dos negros – vigorosamente expandido aos marrons, amarelos, vermelhos, e outros movimentos étnicos libertação –, com o feminismo em várias formas, incluindo um movimento feminismo socialista influenciado por Marcuse, com o movimento ecológico, também com setores influenciados por ele, com o movimento de libertação dos gays e lésbicas, que encontra algumas de suas raízes em *Eros e Civilização*¹², e com muitos outros grupos em luta.

Emoldurado pela dialética entre as forças de dominação e de libertação, *Contra-revolução e revolta* captou a dinâmica da época, e eu gostaria de sugerir que essa dialética – de dominação versus libertação – continuou, ao longo da década de 1970, até a morte de Marcuse em 1979. Ele continuou a escrever, dar palestras e agir dentro desta moldura, que caracteriza várias fases da “contra-revolução” contra diversas formas de revolta e visões de movimentos alternativos.

Em 1979, alguns meses antes de sua morte, na minha última entrevista com Marcuse, no ASA Pacific no topo do hotel San Francisco, na Califórnia, enquanto ele tomava banho de sol, eu lhe disse, de forma um tanto verborrágica:

¹⁰ MARCUSE. *An Essay On Liberation*. Boston: Beacon Press, 1969; sem tradução em português (NT).

¹¹ MARCUSE. *Counter-Revolution and Revolt*. Boston: Beacon Press, 1972. Na tradução brasileira, *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

¹² MARCUSE. *Eros and Civilization*. A Philosophical Inquiry into Freud. Boston: Beacon Press, 1955. Na tradução brasileira, *Eros e civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

Herbert, seu livro *O homem unidimensional* foi uma das principais influências sobre a *New Left* e certamente uma influência fundamental em minha vida. Quase ao mesmo tempo em que foi publicado, as forças políticas do movimento pelos direitos civis e do movimento estudantil, que você citou no final de *O homem unidimensional*, têm proliferado, juntamente com uma nova esquerda, o movimento anti-guerra, e muitos outros movimentos sociais, alguns inspirados por seu trabalho – o que você tem apoiado e valorizado contra o pensamento, a sociedade e o homem unidimensional. Agora, no entanto, à medida que o final da década de 1970 se aproxima, vemos uma renovação do conservadorismo, encarnado, talvez, em seu velho inimigo Ronald Reagan e no Partido Republicano, que aparece em posição de tomar o país. Você vê isso como, digamos, uma vingança ou retorno do unidimensional? E como você caracterizaria a relevância de *O homem unidimensional* hoje, uma vez que alguns diriam que retornamos à uma situação para a qual ele fornece um modelo de descrição perspicaz: a situação social sob a vinda do Reaganismo (*Reaganism*)?

Marcuse não hesitou por um segundo e afirmou: “eu fico com o escrito em *O homem unidimensional*”, insistindo que a sua análise das tendências sociais fora confirmada pelos ataques, então recentes, às mudanças que as lutas dos anos 1960 tinham produzido – isto é, pela contra-revolução. Marcuse mencionou as violações aos programas de bem-estar social, tipificados pela Proposição 13 na Califórnia, que cortava impostos destinados a gastos sociais; demandas governamentais e empresariais por cortes em programas sociais e por menos regulamentação governamental; o *Berufsverbot* na Alemanha e outras repressões aos radicais em todo o mundo; os ataques conservadores contra o aborto, o feminismo, e a Emenda dos Direitos Iguais; a força maior das grandes corporações transnacionais; as ofensivas conservadoras e neo-conservadoras em muitas áreas da vida social e política. Ele acrescentou, no entanto, que a década de 1960 desencadeou novas forças sociais e abriu novo espaço para a luta, espaço que ainda estava aberto e deveria ser usado pelas forças de oposição para uma mudança social radical.

Marcuse morreu em 1979. Se tivesse vivido nas eras de Reagan e Bush (1980-1992), e depois nas de Bush Jr. e Cheney (2000-2008), sem dúvida teria insistido que *O homem unidimensional* é mais relevante do que nunca, depois de décadas de hegemonia conservadora, capitalismo desenfreado, e uma série de intervenções militares e operações secretas em Granada, Nicarágua, Panamá, e em muitas outras partes do mundo, culminando na guerra do Golfo Pérsico sob Reagan e Bush I, nas guerras no Afeganistão, Iraque e em outros lugares sob Bush Jr e Cheney, e agora Obama e sua cruzada emergente no Oriente Médio. Marcuse foi um forte crítico do militarismo e um amante da vida, que odiava a morte e o assassinato. Ele temia que tecnologias mais sofisticadas instrumentalizassem a guerra e produzissem formas cada vez mais brutais de destruição – visão amplamente confirmada pela guerra do Vietnã, pela guerra do Golfo Pérsico de Bush, pai; Afeganistão e Iraque, a guerra de Bush Jr.; e agora a guerra de Obama no Iraque, na Síria, e em outros lugares. Em seguida, no entanto, quero argumentar que os acontecimentos dramáticos de 2011 apontam para a relevância do outro pólo da dialética de Marcuse: da dominação para a libertação.

Insurreição de 2011: das revoltas árabes até Ocupar todos os lugares

Há décadas em que nada acontece e

As revoltas árabes, a revolução líbia, os motins no Reino Unido, as rebeliões na Itália, Espanha, Grécia e em outros países europeus espremidos pelo neo-liberalismo, o movimento Occupy e outras insurreições, em cascata através da mídia global, aproveitando a atenção e emoções das pessoas, gerando efeitos complexos e múltiplos, podem fazer de 2011 um ano memorável e, talvez, tão significativo na história da agitação social como 1968. Em 2011, como em 1968, mais uma vez várias insurreições geraram discursos de revolução. Crises econômicas intransigentes e crescentes colocaram o capitalismo global e sua ideologia de livre mercado em questão, vários levantes políticos contra o regime autoritário e neoliberal fazem o ano de 2011 memorável e, talvez, um ponto de inflexão (*turning point*) na história, quando insurreições populares tornaram-se um fator constante na política local, nacional e global.

Em meu livro *Media Spectacle as Insurrection, 2011: From the Arab Uprisings to Occupy Everywhere*,¹³ eu discuto como, em 2011, insurreições políticas emergiram como espetáculos de mídia, e analiso alguns levantes políticos da época – da revolta árabe aos movimentos Occupy – para indicar como a insurreição política como espetáculo midiático tem se desempenhado nos Estados Unidos e em outras sociedades ocidentais e não-ocidentais. Sugiro que a crise econômica mundial e uma nova era de revoltas políticas tornaram o discurso marxista mais uma vez relevante para as lutas contemporâneas, e que teóricos como Debord, Marcuse, Hardt e Negri, Zizek, e outros neo-marxistas podem ser usados para descrever as insurreições do momento contemporâneo. No livro e em vários artigos subsequentes, eu discuto como alguns discursos neo-marxistas podem ser usados para descrever as insurreições de 2011 e indico que a teoria da revolução e da subjetividade revolucionária, de Herbert Marcuse, é relevante para essas discussões.

Agora quero refletir sobre o uso do conceito de subjetividade revolucionária e de revolução, de Herbert Marcuse, no momento contemporâneo. Como Deleuze e Guattari, e Hardt e Negri, Marcuse aponta para o papel do corpo e do desejo revolucionário como motivadores de levantes políticos, mas também insiste no cultivo da subjetividade e da teoria críticas para mesclar teoria e prática inteligentemente. Além disso, Marcuse teoriza os impulsos destrutivos, descritos no conceito freudiano de Thanatos, que ameaçam que uma subjetividade desatrelada, engajada numa revolta política apaixonada, possa gerar violência e destruição, um perigo em relação ao qual uma subjetividade política crítica precisa estar constantemente vigilante, para canalizar os impulsos destrutivos em ações e metas libertadoras.

Por “revolução”, eu sigo o conceito de Herbert Marcuse de revolução conceituada como uma ruptura com, e derrubada da, ordem social anterior, e como desenvolvimento de novas formas de economia, política, cultura e relações sociais, envolvendo uma ruptura decisiva com o regime em curso e a construção de uma sociedade emancipada totalmente diferente, com relações sociais não-opressivas e novas economia e política,

¹³ Douglas Kellner, *Media Spectacle as Insurrection, 2011: From the Arab Uprisings to Occupy Everywhere!* London and New York: Continuum/Bloomsbury, 2012.

instituições sociais, cultura e subjetividades.¹⁴ O conceito de Marcuse, de revolução como uma totalidade de sublevação, é relevante para as insurreições de 2011 – e seu conceito de contra-revolução também o é, como o desenrolar da situação no Egito, na Síria e em outros lugares atesta.

O conceito de revolução, de Marcuse, é útil nas insurreições da era contemporânea, pois proporciona visões normativas de uma meta de transformação social total visando à justiça social e à emancipação. Nesses últimos dias, tem havido discussões sobre Marcuse e os movimentos de ocupação, e de como eles fornecem antecipações de um novo discurso e de uma nova prática política revolucionária, que é compatível com a análise de Marcuse das relações sociais não-hierárquicas e emancipatórias, da democracia direta, e com sua desconfiança em partidos, hierarquias e autoritarismo de qualquer espécie.

Por isso, como conclusão, quero evocar a dialética de libertação e dominação como a chave para o pensamento de Marcuse, para sua relevância contínua e para *O homem unidimensional*, onde ele encontra sua primeira articulação madura. Sugeri, nas discussões acima, como as idéias de Marcuse descrevem ambas as tendências: em direção à dominação e opressão, e em direção à revolta e libertação, e como essa dialética é central para o seu pensamento.

As insurreições de 2011 sugerem que o legado dos anos de 1960, do qual Marcuse é parte vital, está vivo e que a Grande Recusa ainda é praticada por grupos e indivíduos de oposição, que se recusam a conformarem-se à opressão e à dominação existente. No entanto, continuam a proliferar as forças de dominação, opressão e contra-revolução do tipo que Marcuse criticou, e às quais se opôs, ao longo de sua vida. Marcuse deve ser amplamente lido e estudado para ajudar a nutrir uma renovação do pensamento crítico e da política radical. Porque a dominação continua a bloquear a liberdade humana e a felicidade e libertação continuam a ser uma esperança para aqueles que se recusam a celebração do militarismo existente, das forças do conservadorismo, e do capitalismo desenfreado. Pois, citando Walter Benjamin no final de *O homem unidimensional*, “É apenas em nome dos desesperados que a esperança nos é dada.”

Tradução: Imaculada Kangussu

¹⁴ Sobre o conceito de revolução em Marcuse, cf. Douglas KELLNER, *Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism*. Berkeley and London: University of California Press (U.S.A) and Macmillan Press (England), 1984, and MARCUSE, *Marxism and Revolution*, Volume 6 of the *Collected Papers of Herbert Marcuse*, edited by Douglas Kellner and Clayton Pierce. London and New York: Routledge, 2012.